



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
LICENCIATURA EM LETRAS-INGLÊS**

ANA BEATRIZ DOS SANTOS XAVIER

**UMA LEITURA DAS PERCEPÇÕES DA MORTE EM POEMAS SELECIONADOS
DE EMILY DICKINSON**

GUARABIRA-PB

2025

ANA BEATRIZ DOS SANTOS XAVIER

**UMA LEITURA DAS PERCEPÇÕES DA MORTE EM POEMAS SELECIONADOS
DE EMILY DICKINSON**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Programa de Graduação em
Letras da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título de
Licenciado em Letras-Inglês.

Orientador: Prof. Ma. Thais de Matos Barbosa

**GUARABIRA
2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

- X3l Xavier, Ana Beatriz dos Santos.
Uma leitura das percepções da morte em poemas selecionados de Emily Dickinson [manuscrito] / Ana Beatriz dos Santos Xavier. - 2025.
39 f.
- Digitado.
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2025.
- "Orientação : Prof. Ma. Thais de Matos Barbosa, Departamento de Letras - CH".
1. Poemas. 2. Emily Dickinson. 3. Metafísica. 4. Literatura. 5. Crítica literária. 6. Linguagem poética. I. Título
21. ed. CDD 801.95

ANA BEATRIZ DOS SANTOS XAVIER

UMA LEITURA DAS PERCEPÇÕES DA MORTE EM POEMAS SELECIONADOS
DE EMILY DICKINSON

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso
de Letras Inglês da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de
Licenciada em Letras

Aprovada em: 04/06/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Thais de Matos Barbosa** (***.948.184-**), em **14/08/2025 16:57:37** com chave **ed97fff8794811f08aba1a7cc27eb1f9**.
- **Mariane dos Santos Monteiro Duarte** (***.302.484-**), em **15/08/2025 21:09:19** com chave **4121e6c47a3511f0bb7a1a7cc27eb1f9**.
- **Waldir Kennedy Nunes Calixto** (***.142.724-**), em **17/08/2025 15:12:14** com chave **b405d9dc7b9511f095ad1a1c3150b54b**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 17/08/2025

Código de Autenticação: 66f3a7



AGRADECIMENTOS

Todo o percurso para chegar até aqui foi complicado, desafiador e cheio de momentos dos quais quase desisti. A vida acadêmica é uma montanha-russa de emoções, morar em outra cidade e estado, acordar às 04:00 da manhã e ir em busca do seu futuro, é com certeza uma grande série de escolhas diárias a serem feitas.

Mas sou imensamente grata as situações que passei e experienciei porque moldaram a pessoa que sou, mesmo que acanhada, tímida e que por vezes sempre duvidei do meu potencial, foram situações que me tornaram mais forte, que me fez perseverar e me esforçar para este momento.

Portanto gostaria de agradecer aos meus familiares que me incentivaram e torciam pelo meu sucesso, serei eternamente grata a todo esforço, contribuição que fizeram para que eu pudesse chegar até aqui.

Obrigado aos meus colegas de curso, Anne Beatriz, Aline, Bruno, Edvânia, Carlos, Elizabeth, Samara e Wilson. Os momentos vividos, compartilhados durante esses anos com certeza fizeram desta graduação um processo mais feliz, leve e enriquecedor. Sempre serei grata pelas ajudas, incentivos e risadas trocadas, sem vocês esta fase não seria a mesma.

Minhas amigas Alana e Jordana, que estão comigo desde a escola os meus sinceros agradecimentos por sempre me incentivar e até pegar no meu pé. Vocês são especiais e foram fundamentais nesse processo.

Por fim obrigado ao meu companheiro da vida, Pedro, por ser meu maior incentivador e sempre acreditar em mim. E está durante todo este processo ao meu lado, torcendo por mim. Sou eternamente grata por cada palavra de motivação e por me fazer enxergar que sou capaz de tudo.

Este trabalho é resultado de dedicação e carinho de todos que se fizeram presente. Aqueles que ainda distante, incentivaram com uma palavra amiga, ou uma ajuda indireta, o meu mais sincero obrigado. Cada pessoa que conheço foi de enorme importância para este momento.

UMA LEITURA DAS PERCEPÇÕES DA MORTE EM POEMAS SELECIONADOS DE EMILY DICKINSON

ANA BEATRIZ DOS SANTOS XAVIER

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar como a morte influenciou a percepção de Emily Dickinson e se tornou um dos temas centrais de seus manuscritos. Em um século marcado por guerras, escravidão e a luta das mulheres por seus direitos, a morte, como resultado, tornou-se um tema central no cenário social da época, levando autores renomados como Poe e Whitman a abordarem o assunto em seus textos. Assim, é crucial entender como a vida e a época influenciaram o interesse da autora por este tema. Esta pesquisa realiza uma análise qualitativa baseada em poemas selecionados de Emily Dickinson que destacam o objeto de estudo: a morte. Para fundamentar a percepção acerca da morte, utilizou-se uma bibliografia baseada em autores como Heidegger (2005), Gambarotto (2006), Ferreira (2021), Silva (2021), Guollo, entre outros. Emily Dickinson, em poemas como "*Because I Could Not Stop for Death, Death is a dialogue between / The spirit and the dust* e *I felt a funeral, in my brain*, discorre sobre suas constantes indagações, sua compreensão da morte, suas angústias e, em meio a isso, o carinho e a admiração que tem por ela, trazendo sua perspectiva e conexão com o tema. Como resultado, após a análise de seus três poemas acima mencionados, é possível compreender que suas emoções e experiências pessoais, tanto familiares quanto íntimas, atreladas à sua nova percepção de mundo, resultaram em uma conexão inimaginável com a morte. Ela foi sua referência para entender a vida e deu significado à sua existência.

Palavras-chave: Morte, Poesia, Emily Dickinson, Imortalidade, Percepção.

A READING OF THE PERCEPTIONS OF DEATH IN SELECTED POEMS BY EMILY DICKINSON

ANA BEATRIZ DOS SANTOS XAVIER

ABSTRACT

This work aims to analyze how death influenced Emily Dickinson's perception and became one of the central themes of her manuscripts. In a century marked by wars, slavery, and women's struggle for their rights, death, as a result, became a central theme of the social landscape of the time, leading renowned authors such as Poe and Whitman to address the subject in their writings. Therefore, it is necessary to understand how life and times influenced the author's interest in this theme. This research conducts a qualitative analysis based on selected poems by Emily Dickinson that highlight the object of study: death. To support the perception of death, a bibliography based on authors such as Heidegger (2005), Gambarotto (2006), Ferreira (2021), Silva (2021), Guollo, among others, was used. Emily Dickinson, in poems such as *Because I Could Not Stop for Death*, *Death is a dialogue between / The spirit and the dust*, and *I felt a funeral, in my brain* discusses her constant inquiries, her understanding of death, her anguish, and, amidst this, her affection and admiration for it, bringing her perspective and connection to the subject. As a result, after analyzing her three aforementioned poems, it is possible to understand that her emotions and personal experiences, both familial and intimate, linked to her new perception of the world, resulted in an unimaginable connection with death. It was her reference for understanding life, and it gave her existence meaning.

Keywords: Death, Poetry, Emily Dickinson, Immortality, Perception.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	3
2 A MORTE NA TRADIÇÃO LITERÁRIA ANGLO-AMERICANA	7
2.1 O PAPEL DA MORTE NA POESIA METAFÍSICA E NA TRADIÇÃO PROTESTANTE.....	10
2.2 POESIA COMO EXPERIÊNCIA EXISTENCIAL E METAFÍSICA	13
2.3 O USO DA LINGUAGEM POÉTICA PARA TRATAR TEMAS LIMÍTROFES.....	16
3 METODOLOGIA.....	20
4 CRÍTICA LITERÁRIA: DICKINSON E A MORTE	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

A exploração da morte na poesia americana do século XIX tem uma profunda relevância. Ela serve como um ponto de entrada para a compreensão das atitudes culturais, das filosofias individuais e da narrativa em constante evolução da experiência americana. A investigação de suas representações metafóricas revela camadas de significado e lança luz sobre a interconexão entre a literatura e a sociedade. (Zahra e Raza, 2024)

Emily Dickinson, uma figura enigmática na literatura americana, continua a cativar os leitores com seus versos concisos, mas profundos. Seus poemas, caracterizados por uma pontuação não convencional e imagens vívidas, convidam a uma exploração e interpretação contínuas. Entre a obra de Dickinson, o poema *Because I Could Not Stop for Death* se destaca como um dos poemas mais importantes deste período e da obra desta autora. Sua abordagem da morte como uma jornada serena despertou a curiosidade acadêmica, tornando-o o foco ideal para uma análise e comparação aprofundadas.

A presença da morte na vida pessoal da autora foi um fator importante nos seus textos. Embora a temática seja incomum e um tanto quanto mórbida, para Emily Dickinson, essa preocupação, em uma época e lugar em que a religião se concentrava em estar pronto para o desencarne, pois as pessoas tinham uma vida breve devido às doenças e acidentes, era algo que não a preocupava, pois a própria autora possuía textos em que tratava de sua própria morte, sejam em formato de poemas ou cartas.

A justificativa para este estudo reside na relevância da morte como tema na poesia americana do século XIX e na singularidade da abordagem de Emily Dickinson. A exploração deste tema na literatura da época serve como um lugar de reflexão para determinadas atitudes culturais, filosofias individuais e experiências. Nesse contexto, as representações metafóricas desta temática, em particular, revelam camadas importantes de interligação entre a literatura e a sociedade.

Sendo assim, pode-se levantar a seguinte hipótese: até que ponto a vida e a obra da autora Emily Dickinson se cruzam e como esse tema se tornou fundamental em sua vida?

Deste modo, o presente artigo tem como objetivo geral analisar a influência da temática da morte em três poemas selecionados da autora Emily Dickinson. Já no que diz respeito aos objetivos específicos, este trabalho tem como 1) analisar de que modo

a temática da morte aparece em sua obra sob influência das perdas da vida da autora; 2) observar como o papel da morte, enquanto metafísica, e o aspecto religioso protestante influenciam sua poesia; 3) entender como as tendências da morte na tradição literária norte-americana influenciaram o trabalho da autora.

A metodologia adotada será de caráter qualitativo, através de revisão bibliográfica de teóricos que abordam estudos sobre o tema da morte em Emily Dickinson.

Quanto à organização textual, o artigo está organizado da seguinte maneira: 1) apresentação da biografia da autora Emily Dickinson; 2) a morte na tradição literária norte-americana, que está subdividido em a) o papel da morte na poesia metafísica e na tradição protestante; b) poesia como experiência existencial e metafísica; e c) uso da linguagem poética para tratar temas limítrofes. Na sequência, tem-se o ponto 3) correspondente à análise dos três poemas pré-selecionados. Os poemas foram escolhidos aleatoriamente, por trazerem a temática referenciada na obra.

1. EMILY DICKINSON: UMA BIOGRAFIA

Emily Dickinson, filha do meio de Edward e Emily Norcross Dickinson, nasceu em 10 de dezembro de 1830, na propriedade da família na Main Street, em Amherst, Massachusetts. Apenas dois meses antes, seus pais e seu irmão mais velho, Austin, haviam se mudado para a propriedade para morar com os pais de Edward, Samuel Fowler e Lucretia Gunn Dickinson, e vários irmãos de Edward.

Logo após o nascimento da irmã mais nova de Emily, Lavinia, em 1833, seus avós se mudaram para Ohio após vários anos de problemas financeiros em Amherst. A propriedade foi vendida, mas a família de Emily permaneceu nela como inquilina por mais sete anos.

A casa lotada e a crescente carreira jurídica e política de Edward exigiam um novo lar e, quando Emily tinha nove anos, sua família comprou uma casa no que hoje é a North Pleasant Street, em Amherst. Próxima de seu irmão mais velho, Austin, e de sua irmã mais nova, Lavinia, Dickinson tinha um carinho especial pela casa na Pleasant Street. Tarefas domésticas como confeitaria e jardinagem ocupavam seu tempo, além de frequentar a escola, participar de atividades da igreja, ler livros, aprender a cantar e tocar piano, escrever cartas e fazer caminhadas.

A educação formal de Dickinson foi excepcional para meninas no início do século XIX, embora não fosse incomum para meninas em Amherst. Após um curto período em uma escola distrital de Amherst, ela frequentou a Academia Amherst por cerca de sete anos antes de ingressar no Seminário Feminino Mount Holyoke (hoje Mount Holyoke College) em 1847. Permaneceu no seminário por um ano, o período mais longo que passou fora de casa.

Na juventude, Dickinson exibia um talento social que se retraiu à medida que ela envelhecia. Ela encontrou prazer em inúmeras amizades femininas, incluindo aquelas com Abiah Root , Abby Wood , Emily Fowler e Susan Gilbert, que mais tarde se tornou sua cunhada. Embora Dickinson nunca tenha se casado, ela tinha vários amigos homens importantes, entre eles Benjamin Newton, de quem recebeu sua amada cópia de *Poems*, de Emerson, e Henry Vaughn Emmons, com quem compartilhou algumas de suas primeiras poesias. Há evidências de que ela recebeu pelo menos uma proposta de casamento de George H. Gould, um graduado do Amherst College, que não deu em nada.

A juventude de Dickinson não foi isenta de turbulências. A morte de amigos e parentes, incluindo sua jovem prima, Sophia Holland, suscitou questionamentos sobre a morte e a imortalidade. Da casa na Pleasant Street, localizada perto do cemitério da cidade, ela não poderia ter ignorado os frequentes enterros que mais tarde forneceram poderosas imagens para seus poemas.

Uma onda de avivamentos religiosos na adolescência de Dickinson abordou a preocupação da sociedade calvinista com a disposição da alma humana. Embora os amigos da autora, a irmã, o pai e, eventualmente, o irmão, tenham se filiado à igreja (sua mãe se filiou no ano seguinte ao nascimento de Emily), Emily nunca o fez.

No início dos vinte anos de Emily, escrever tornou-se cada vez mais importante para ela. Seus primeiros escritos existentes — ambos são cartões de Dia dos Namorados e atípicos de sua obra posterior — foram publicados anonimamente durante esse período.

As cartas de Dickinson ao irmão também revelam um crescente senso de "diferença" entre ela e os outros. Esse senso de distinção tornou-se mais pronunciado à medida que ela envelhecia e sua sensibilidade poética amadurecia.

Embora a vocação de Emily Dickinson como poeta tenha começado na adolescência, ela se consolidou como artista durante um curto, porém intenso período

de criatividade, que a levou a compor, revisar e salvar centenas de poemas. Esse período, que os estudiosos identificam como 1858-1865, coincide com o evento mais significativo da história americana do século XIX, a Guerra Civil . Durante esse período, a vida pessoal dela também passou por grandes mudanças.

No final de 1855, ela se mudou, com certa relutância, com a família de volta para Homestead, sua cidade natal. Seu pai havia comprado a casa no início de 1855 e feito reformas significativas, tornando-se parte de uma propriedade, sendo ampliada quando, em 1856, o irmão mais velho da autora, Austin, casou-se com sua amiga íntima, Susan Huntington Gilbert , e o casal construiu uma casa ao lado, conhecida como The Evergreens .

Aquela casa era um polo ativo para a sociedade de Amherst, e a própria Emily Dickinson participava de reuniões sociais no início do casamento do seu irmão. O estilo de vida deles acabaria por contrastar marcadamente com o dela, mais recatado. Os três filhos do casal — Ned , nascido em 1861; Martha , em 1866; e Gilbert , em 1875 — trouxeram muita alegria à vida de Dickinson, embora o papel crescente de Susan como mãe possa tê-la distanciado ainda mais da poeta.

Além de proporcionar proximidade com seu irmão e sua família, a reformada propriedade rural oferecia a autora diversas outras vantagens, em que ela possuía o seu próprio quarto, que foi um espaço essencial para sua escrita.

Aos 35 anos, Dickinson já havia composto mais de 1.100 letras concisas e poderosas que examinam com astúcia a dor, o sofrimento, a alegria, o amor, a natureza e a arte. Ela registrou cerca de 800 desses poemas em pequenos livretos artesanais (agora chamados de "fascículos"), "publicações" muito particulares que ela não compartilhava com ninguém.

A poeta compartilhou parte de seus textos com familiares e amigos selecionados, cujo gosto literário ela admirava. Susan Dickinson recebeu mais de 250 poemas ao longo dos quarenta anos de relacionamento das duas, e para Thomas Wentworth Higginson , autor de um artigo publicado em uma edição de 1862 da *Atlantic Monthly* que incentivava os jovens a escrever e publicar, Dickinson enviou cerca de 100 poemas. Embora alguns de seus poemas tenham sido publicados em jornais, eles foram impressos anonimamente e aparentemente sem seu consentimento prévio. A grande maioria de sua obra permaneceu conhecida apenas por seu autor.

Em seus últimos anos, Dickinson teve um romance com o Juiz Otis Phillips Lord, amigo de seu pai. Ele e a esposa eram hóspedes frequentes na propriedade. Viúvo quando começou a cortejar Emily Dickinson, Lord morava em Salem, Massachusetts. Rascunhos de cartas para Lord sugerem que a autora chegou a cogitar a ideia de se casar com ele, embora nunca o tenha feito.

A vida posterior de Dickinson foi marcada por doenças e mortes: a morte de seu pai em 1874, o derrame de sua mãe em 1875, a morte de seu sobrinho Gib aos oito anos em 1883, a morte de Otis Lord em 1884 e a morte de Helen Hunt Jackson em 1885. A própria Emily adoeceu logo após a morte de seu sobrinho Gib. Ela permaneceu com a saúde debilitada até falecer, aos 55 anos, em 15 de maio de 1886. Foi enterrada quatro dias depois no cemitério da cidade, hoje conhecido como Cemitério Oeste.

2 A MORTE NA TRADIÇÃO LITERÁRIA ANGLO-AMERICANA

Diante da importância dos seus textos, de escrita marcante e inovadora, é possível perceber a sua grande fixação pelo tema morte.

O século XIX, para os Estados Unidos da América, foi um período marcado por grandes acontecimentos que causaram inúmeras mortes, sendo um dos mais importantes a Guerra Civil, que foi crucial para remodelar o país. A disputa entre os estados do Norte e do Sul resultou em grandes perdas de vidas, além, do aumento da escravidão e, ao final do conflito, o presidente Lincoln foi morto.

É válido lembrar que a revolução industrial ocorria a todo vapor, ocasionando imigrações, surgimento de novas tecnologias, um aumento significativo da mão-de-obra e, ainda assim, mudanças pequenas ocorriam concomitantemente.

As singelas mudanças eram feitas por mulheres que, diante de tantas restrições, as quais aumentavam a cada dia, permaneciam resumidas apenas a cuidar do lar e da família, serem mães e esperar pela morte, buscando por sua voz e lugar no mundo. Devido a esse cenário, o século XIX é marcado, então, pela crescente busca pelo direito de as mulheres votarem e adquirirem direitos básicos de igual para igual.

Diante de tantos acontecimentos como a guerra, escravidão e a busca por direitos, é nítido que o resultado foi de inúmeros mortos, deixando um clima fúnebre

sobre o território americano em que tantas vidas desperdiçadas, tanto sofrimento daqueles que foram escravizados e todas as lutas perdidas se resumiam a morte.

A partir disto, escritores famosos, dedicados às suas escritas, também se debruçaram a escrever sobre a temática funesta, trazendo novas reflexões. Exemplos disso, são escritores como Walt Whitman, Edgar Allan Poe e Emily Dickinson.

Diante disso, apenas as palavras são a única forma de um ser humano descrever o que algo grandioso, devastador e impactante representou em suas vidas e na vida das pessoas ao redor. Walt Whitman foi um escritor que viveu durante o século XIX e que pode observar de perto a Guerra Civil que ocorria nos Estados Unidos, atuando como jornalista e tendo a oportunidade de escrever, e ver com seus olhos tudo que a guerra causou. Além disso, acompanhou de perto quando o presidente Lincoln morreu.

A guerra transforma homens, e com Whitman não foi diferente. O autor escreveu vários poemas a respeito deste tema, descrevendo o seu impacto na vida de um indivíduo.

Entretanto, ele afirma que não se é preciso enxergar a morte como o fim, e sim como um processo natural da vida, que deve ser vista como um meio para uma compreensão mais profunda de tudo que está ao nosso redor. A citação a seguir exemplifica essa visão grandiosa que ele tem da vida e da morte, de como tudo é um conjunto de fatores.

Nesse sentido, a morte não é apenas “bela” quando vem das folhas, mas configura, pela primeira vez, a beleza em chave moderna e romântica, o que vem a ser o reduto último de um concerto que a sociedade não é capaz de prover, bem como de um sujeito solitário, que só é capaz de configurar o mundo em sua própria perspectiva. Presentes esses elementos, trata-se ainda de uma poesia impotente diante da crise, sendo essa impotência parte da formação desse sujeito-lírico em sua cultura e conjuntura locais, constituindo-se dessa forma o particular da realização nacional que jamais desapareceu do horizonte de Whitman. (Gambarotto, 2006, p, 277)

Além de Walt, destaca-se o autor Edgar Allan Poe. O escritor viveu no século XIX e suas obras versavam sobre a morte. Suas histórias enxergadas como sombrias refletiam muito de sua experiência: o medo, a desilusão e o desespero, causando uma grande curiosidade acerca de seus contos, visto que os temas eram mórbidos e assustadores. Para Poe, a morte não era apenas o evento trágico de suas histórias;

ela é o catalizador que faz tudo acontecer e é a partir dela que é explorada a natureza humana, o sobrenatural e, por fim, as profundezas de nossa mente.

A morte criava uma sensação de medo, mistério e terror¹ em seus contos, o que faz indagar o porquê desse tema ser tão atrativo para tantos autores deste século. Edgar Allan Poe ainda via a morte como uma realidade inescapável, um destino que é certo para todos os seres humanos, mesclando assim o tema com sua visão particular sombria sobre a existência. Segundo Frota (2014, p. 16),

A imaginação poética de Poe está direcionada, principalmente, para a abordagem do tema da morte inevitável, desdobrando-se em imagens que expressam o sentimento da melancolia e o temor do esquecimento. [...] a queixa do eu lírico sobre o fim da vida e o sentimento de impotência, já que o desaparecimento provocado pela morte culmina na representação da angústia pelo discurso poético. Além disso, é observável e sugestível que a poesia se torna um meio efetivo para a durabilidade da memória, uma vez que a imagem da vida desaparecida se torna perene pela verbalização da experiência.

Logo um escritor é responsável por questionar tudo, estando suscetível a refletir sobre todas as coisas, seja acerca de América do século XIX marcada pela morte ou por problemas pessoais, ou por simplesmente tentar compreender algo maior e do qual não se tem respostas para o tema.

Essa temática também fez parte da obra de Emily Dickinson. A morte era um tema comum na poesia de Dickinson, ocupando sua atenção durante toda a vida, sendo frequentemente mencionada em seus poemas, juntamente à frustração, o sofrimento, à dor, à tristeza, o luto e a solidão.

De acordo com Roy (2015), críticos apontam que quase um terço de sua poesia se dedica a essa temática, cuja preocupação fez de Dickinson uma poeta da escuridão. Ela retrata a morte sob todos os aspectos possíveis - como o amante cortês, o terrível assassino, o corruptor físico e também como um agente livre na natureza, sendo obcecada com este problema e com a vida após o desencarne.

¹ O terror e o horror são derivados do efeito fantástico causado no personagem/leitor. Enquanto o terror está ligado a uma certa expectativa e ansiedade do leitor diante de algo que lhe é estranho, incerto, infamiliar – e essa ansiedade provoca o medo –, o horror é o efeito que este medo, portanto, terror causado no leitor. O que acontece primeiro é o terror, que tem sua manifestação através do medo e, este, é responsável pela experiência que causa horror. (Ver ALMEIDA, 2023, p. 11)

Emily Dickinson faz parte deste aglomerado de pessoas que indagam sobre a morte, colocando suas percepções sobre o assunto em seus poemas e refletindo com genialidade sobre o mesmo.

2.1 O PAPEL DA MORTE NA POESIA METAFÍSICA E NA TRADIÇÃO PROTESTANTE

A morte na poesia metafísica² é como um mistério, um enigma que precisa ser desvendado. A metafísica se propõe a explorar questões da natureza e do ser, ou seja, utiliza o mundo físico e o abstrato para criar uma relação que viabiliza explicar um sentimento, uma ideia complexa ou relações físicas e abstratas.

³Os poemas metafísicos consideravam as ideias e questões que não podiam ser resolvidas pela ciência com uma resposta definitiva. Além disso, a palavra foi usada pela primeira vez pelo escritor inglês Samuel Johnson, que observou diferentes poetas no século XVII usando o mesmo estilo e características, embora não conhecessem as categorias uns dos outros e não dessem nome aos seus diferentes poemas. Portanto, podemos definir a poesia metafísica como um poema que aborda tópicos espirituais e profundos, que levam o leitor a questionar a vida e lhe dão uma nova perspectiva. Os temas da poesia metafísica são geralmente luxúria e amor, religião e espiritualidade, bem como a união da alma (Behtash, 2012). (Rashed, p.4, tradução minha)

Para isso, através da linguagem poética, a poesia cria metáforas, comparações e indagações sobre as coisas que cercam nossa visão e pensamentos ao nosso redor.

⁴Outra característica significativa que diferencia os poemas metafísicos de qualquer outra forma é a sensibilidade unificada.

² A metafísica é um ramo da filosofia que investiga a natureza fundamental da realidade, incluindo questões sobre a existência, a natureza do ser, a relação entre mente e matéria, e a estrutura básica do universo. Ela explora conceitos como a causa, o sentido da realidade e aspectos da natureza, buscando entender o que está além do mundo físico e da experiência sensorial. (Fonte: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/filosofia/metafisica>. Acesso em: 04 ago. 2025)

³ The metaphysical poems considered the ideas and questions that couldn't be dealt with by science with a definite answer. Moreover, the word was first used by the English writer Samuel Johnson who noticed different poets in the 17th century using the same style and features even though they weren't aware of each other's categories and didn't give a name to their different poems. Therefore, we can define metaphysical poetry as a poem that deals with spiritual and profound topics which make the reader question life and gives them a new perspective. The themes of metaphysical poetry are usually lust and love, religion and spirituality, as well as the union of the soul (Behtash, 2012).

⁴ Another significant feature that differentiates metaphysical poems from any other form is the unified sensibility. Although the poets were highly intelligent and used a lot of logic behind their words with the use of proofs and arguments yet they didn't lack emotions. The poets fused feelings and thoughts unlike

Embora os poetas fossem extremamente inteligentes e usassem muita lógica por trás de suas palavras, com o uso de provas e argumentos, não lhes faltavam emoções. Os poetas fundiam sentimentos e pensamentos, ao contrário de outros tipos de poemas. Os poemas eram mesclados com paixão e lógica, analisando emoções em vez de apenas expressá-las. (Rashed, p.6, tradução minha)

A morte, para a metafísica, é como um fenômeno paradoxal: ao mesmo tempo temida e desejada, cruel e redentora, um evento que marca o fim da vida terrena, mas também o início de outra dimensão desconhecida. Ela vai assumir um papel complexo e cheio de facetas, que vai além do simples findar da existência, tornando-se o ponto de partida para criar reflexões sobre a natureza, a alma, questões sobre tempo, sobre o ser humano e o divino.

É importante ressaltar que a morte, além de ser encarada como uma passagem para a eternidade, ainda continua frequentemente ligada a temas religiosos, como a busca pela salvação ou o temor da condenação.

Diante disto, sabe-se que a morte para o protestantismo é vista como um evento de grande significado espiritual, enquadrado na doutrina da salvação pela graça e da esperança na vida eterna. Diferentemente de algumas perspectivas religiosas que enfatizam rituais de passagem ou purificação pós-morte, a tradição protestante geralmente foca na relação pessoal do indivíduo com Deus durante sua vida, determinando seu destino após a morte. E durante o século XIX, a fé protestante era o que ditava regras, verdades e como se deve viver a vida para que após morrer o seu destino seja o melhor possível, ou seja, ao lado do Senhor.

A família de Emily Dickinson era proeminente na Primeira Igreja Congregacional de Amherst. No entanto, ela notoriamente se recusou, a partir dos 15 anos, a abandonar seu compromisso com o mundo por um compromisso com Cristo, permanecendo como a única de sua família e de sua escola a recusar a conversão durante os avivamentos que varreram a Nova Inglaterra no século XIX.

De acordo com Kirby (2008), as questões religiosas são centrais na poesia de Emily Dickinson, mas a religião no sentido em que William James escreve em "Variedades da Experiência Religiosa", onde ele fala sobre "os sentimentos, atos e experiências de indivíduos em sua solidão, na medida em que se apreendem em

the other types of poems. The poems were blended with passion and logic where they analyzed emotions instead of just expressing them.

relação a tudo o que possam considerar o divino"⁵ (p. 54). Ele fala de encantamento, uma expansão do leque de vida do sujeito, uma vivificação do mundo interior e uma alegria solene: "Se a religião deve significar algo para nós, devemos entendê-la como significando esta dimensão adicional de emoção, este temperamento entusiasmado de união"⁶.

A autora vivia em uma época em que os ensinamentos tradicionais da igreja estavam sendo desafiados por novas descobertas na ciência. A teoria evolucionária em particular parecia obscurecer as perspectivas humanas; um universo sem Deus, a morte sem uma vida após a morte, a mente sem espírito. No entanto, vários habitantes da Nova Inglaterra estavam determinados a transformar a escuridão em luz e abraçaram as novas faces de Deus oferecidas pela Teologia Evolucionária da Nova Inglaterra, a Filosofia Mental da Nova Inglaterra, que sustentava que a ciência da mente era a própria ciência da divindade, e os materialistas do final do século XIX, que argumentavam que era na matéria que poderíamos encontrar nossa imortalidade (Kirby, 2008).

Durante a primeira parte do século XIX, enquanto os teólogos tentavam interpretar o significado religioso das descobertas da ciência, vários cientistas da Nova Inglaterra (biólogos, geólogos, matemáticos) assumiram a causa de reconciliar a ciência com a teologia. Edward Hitchcock foi professor de Geologia e Teologia no Amherst College de 1825 a 1864 e o segundo presidente do Colégio; ele também era amigo da família e um dos professores de Dickinson, a qual atribuiu a Hitchcock sua própria compreensão da continuidade.

Segundo Kirby (2008, p. 57)

Hitchcock é um exemplo benigno de uma teologia evolucionária pré-darwiniana. Embora seu trabalho com fósseis pré-adâmicos no Vale do Connecticut já tivesse desafiado o registro bíblico, ele enfatiza em seus livros o aumento da glória que é de direito de Deus neste contexto. Hitchcock avança a ideia da mudança perpétua como o grande princípio conservador das coisas materiais e argumenta que o princípio da mudança, a noção paradoxal de que a instabilidade é a base da estabilidade, é superior a qualquer outra lei para dar permanência e segurança ao universo.

⁵ William James: *The Varieties of Religious Experience*, (Harmondsworth, 1975) p. 54.

⁶ *Loc. cit.*

Dickinson estava imersa em uma cultura literária científico-filosófica que se aprofundava na teorização da morte de uma maneira sem precedentes. Sem dúvida, houve uma espécie de crise dessa temática no século XIX, com a intrusão de uma Morte assimbólica, fora da religião e do ritual, em uma espécie de impulso abrupto para a Morte literal.

Certamente os jornais e periódicos que autora lia eram obcecados pela morte *qua* morte — o esqueleto interno, práticas funerárias, enterro prematuro, múmias, criptas, maneiras de cometer suicídio, cemitérios, vermes, aforismos como 'A vida é uma epigrama do qual a morte é o ponto' e 'A sepultura é nossa única imagem de repouso'. A perda da ideia tradicional de vida após a morte coloca a morte em primeiro plano de uma maneira particular, e daí o impulso necrofílico na poesia de Dickinson (Kirby, 2008).

2.2 POESIA COMO EXPERIÊNCIA EXISTENCIAL E METAFÍSICA

De modo a entender a poesia como experiência existencial e metafísica, primeiramente é necessário falar sobre Heidegger e seus estudos do existencialismo⁷ e da fenomenologia⁸.

A interpretação do logos efetuada pela lógica, ou seja, a interpretação do logos como *ratio*, razão, *verbum*, enunciado, determinou, segundo Heidegger, a compreensão de linguagem da tradição metafísica. Lógica, desse modo, tem o mesmo sentido que metafísica, designando um modo particular de interpretação da linguagem como propriedade e faculdade do homem. Distanciando-se dessa interpretação,

⁷ Existencialismo é uma doutrina filosófica centrada na análise da existência e do modo como seres humanos têm existência no mundo. Visa encontrar o sentido da vida através da liberdade incondicional, escolha e responsabilidade pessoal. Segundo esta corrente filosófica, os seres humanos existem primeiramente e depois cada indivíduo passa a sua vida mudando a sua essência ou natureza. Esta tendência filosófica surgiu e se desenvolveu na Europa entre as duas guerras mundiais (1918 – 1939). É caracterizada por centrar a sua análise na existência, entendida esta não como fática ou fato de ser, mas como realidade individual mundana (Fonte: <https://www.significados.com.br/fenomenologia/>. Acesso em: 04 ago. 2025).

⁸ Fenomenologia é o estudo de um conjunto de fenômenos e como se manifestam, seja através do tempo ou do espaço. É uma matéria que consiste em estudar a essência das coisas e como são percebidas no mundo. A palavra surgiu a partir do grego *phainesthai*, que significa "aquilo que se apresenta ou que se mostra", e logos é um sufixo que quer dizer "explicação" ou "estudo". Na psicologia, a fenomenologia baseia-se em um método que busca entender a vivência dos pacientes no mundo em que vivem, além de compreender como esses pacientes percebem o mundo a sua volta. O conceito da fenomenologia foi criado pelo filósofo Edmund Husserl (1859-1938), que também trabalhava como matemático, cientista, pesquisador e professor das faculdades de Göttingen e Freiburg im Breisgau, na Alemanha. (Fonte: <https://www.significados.com.br/fenomenologia/>. Acesso em: 04 ago. 2025).

Heidegger desenvolve uma compreensão de linguagem a partir do sentido originário de logos, que ele procura interpretar de um modo todo particular a partir dos gregos, principalmente a partir do pensamento de Heráclito, assim como também a partir da leitura feita por ele sobre o caráter originário da linguagem como poesia (*Dichtung*) (Cordeiro, 2015).

Segundo Heidegger, a lógica, sendo uma episteme, nasceu ao mesmo tempo que a física e a ética, mas o que interessa destacar é que a lógica nasce no momento em que a filosofia chega ao seu termo e se torna assunto de escola, de organização e de técnica. Ela representa para Heidegger o fim do começo grego, isto é, a decadência e o declínio do esplendor do seu pensamento.

Heidegger (2005), em *Ser e Tempo*, argumenta que a existência humana é uma "pré-sença" (Da-sein), que se caracteriza por estar sempre a caminho da morte. Arelado a isso ele discorre sobre a finitude relacionada a morte no qual, diz que a finitude não é uma condição a ser lamentada, mas sim uma condição que permite a existência. A consciência de que a vida tem um fim, de que não somos eternos, nos força a viver de forma mais intensa e autêntica e a tomar decisões significativas.

As coisas se apresentam ao ser-aí⁹ como já dotadas de significado. Assim, para Dasein, ser-no-mundo equivale a ter originariamente intimidade com uma totalidade de significados. Os significados das coisas não são senão seus possíveis usos para nossos fins. Não há, portanto, como sair da compreensão (prévia) do mundo que originariamente nos constitui." (Zanello, p.283)

De acordo com Cordeiro (2015), sendo metafísica, a lógica decide antecipadamente sobre a essência do seu objeto (o logos) e assim lhe confere o seu ser e a sua verdade. Como doutrina do pensamento correto, como metafísica do logos, a lógica compreende o logos como enunciado, proposição. Este sentido de logos está presente na formulação clássica da verdade, conforme destaca Heidegger no § 44 de *Ser e Tempo*, através da qual se mostra que a verdade consiste na concordância (*homoiosis*) de um enunciado (*logos*) com uma coisa (*pragma*).

Heidegger, em seus estudos, traz a ideia de essência e homem essencial, que, segundo o filósofo: "o que importa é que não é o homem o essencial, mas o ser, como

⁹ O ser-aí não é apenas um ser, mas um ser que existe. Isso significa que ele tem uma relação peculiar com seu próprio ser, projetando-se em possibilidades e estando sempre em relação com o mundo. (Fonte: ROEHE, Marcelo Vial; DUTRA, Elza. **Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano**. *Av. Psicol. Latinoam.* [online]. 2014, vol.32, n.1, pp.105-113).

a dimensão do ec-stático da ec-sistência.” (Heidegger, 1995, p. 55) Em seguida ele mostra que não devemos entender dimensão (*Dimension*) no sentido espacial, visto que todo o espaço-tempo se essencializa no dimensional, no qual o ser mesmo é. Mas o que vem a ser dimensão, se não é nada espacial? Se a dimensão é o ser, o homem então precisa ser, estar, ec-sistir, na medida dessa dimensão. Mas como estar nessa medida? (Cordeiro, 2015).

Heidegger chama de dimensão a medida comedida, aberta através do entre céu e terra. Céu e terra se voltam um para o outro porque repousam na dimensão. A essência da dimensão, segundo ele, é o comedimento (a medida comedida, que instaura céu e terra) tornado claro e, assim, mensurável, do “entre” (do acima rumo ao céu e do abaixo rumo à terra). Este levantar medida não é nenhuma geometria da terra ou do céu, mas é o que leva céu e terra um em direção ao outro. Este medir é a essência do poético, pois a poesia é uma tomada de medida.

Segundo Heidegger, “a medida” consiste no modo em o deus que se mantém desconhecido aparece como tal através do céu, ou seja, através de um desocultamento que deixa ver o que se encobre. Desse modo deus aparece como o desconhecido através do conhecido (o céu), e é esse aparecer a medida com a qual o homem se mede, o poético (*Dichtung*), a poesia. O que salva é o poético, mas não enquanto *Poesie* e sim enquanto *Dichtung*, a medida a partir da qual o desconhecido aparece através do conhecido, deixando ver no conhecido a essência encoberta que o governa. Segundo assim, para ele, o homem é um “entre”, um “entre” o divino e o mortal.

A poesia existencial, a qual Heidegger discute, busca capturar a vivência subjetiva do ser humano, suas angústias, dúvidas e sentimentos diante da existência. Influenciada por pensadores como Heidegger, essa poesia lida com temas como liberdade, solidão, autenticidade e a inevitabilidade da morte. O poeta não se limita a descrever o mundo, mas mergulha em uma introspecção que revela o caráter fugaz da vida e o desafio de encontrar sentido em meio ao absurdo. Por outro lado, a poesia metafísica explora o mistério da existência sob uma perspectiva filosófica e espiritual. Ela não apenas interroga a condição humana, mas também questiona a natureza da alma, do tempo e da própria realidade.

Segundo Nunes (2000, p. 106-107),

[...] o sentimento da angústia nos leva, quebrando a barreira daquela inclusão que nos familiariza com as coisas e pessoas em torno, a transcender os entes e, por esse modo, a defrontar-nos com o mundo, tornado infamiliar sob o foco dessa disposição afetiva. A transcendência, que também integra a conduta do *Dasein*, é possível porque esse ente, vivendo numa tensão, por ele mesmo escamoteada, diante da expectativa de sua própria morte, da qual comumente foge, descobre-se *temporal* e finito: temporal, na medida do futuro que essa expectativa presume e que à sua experiência do momento se antecipa, ligando o passado ao presente, e *finito*, dado que, nessa dimensão, a temporalidade, confirma-se a distintiva conotação – o cuidado (*die Sorge*) – de seu ser, que existe historicamente, eis que suas decisões possibilitam o fazer e o escrever a história.

Heidegger enfatiza assim a facticidade do ser-aí, por se encontrar já sempre lançado numa abertura que não lhe pertence, pois é originária. Além disto, por ser possibilidade aberta, e por ter um caráter constitutivamente temporal, o *Dasein* tem como marca o ser para-morte. A morte é pensada aqui não enquanto fato biológico, mas como um modo de ser próprio que cumpre o *Dasein*. "A morte é a possibilidade mais peculiar do estar-aí enquanto o afeta no seu próprio aí, na sua própria essência de projeto como o seu modo de determinar-se" (Vattimo, 1989, p. 50)

A morte abre para o ser-aí sua possibilidade, em um sentido autêntico, ou seja, abre para o *Dasein* a aceitação das possibilidades como puras possibilidades, o que exige uma suspensão da adesão deste aos interesses intramundanos nos quais sempre se dispersa. Dito de outra maneira, "a antecipação da morte identifica-se com o reconhecimento de que nenhuma das possibilidades concretas que vida nos oferece é definitiva" (Vattimo, 1989, p. 52).

Ao constar estes fatos, é surpreendente o quão multifacetada a morte pode ser, dentro da abordagem da literatura, trazendo visões tanto de transcendência, a partir do que Heidegger chama de "suspensão de adesão aos interesses intramundanos". E considerando a literatura, a temática fúnebre se torna interessante a partir dessas visões tão multifacetadas de enxergar esse fenômeno.

2.3 O USO DA LINGUAGEM POÉTICA PARA TRATAR TEMAS LIMÍTROFES

A linguagem poética tem um papel crucial na abordagem de temas limítrofes, assuntos que desafiam a compreensão racional, tocando questões existenciais ou lidando com aspectos extremos da condição humana. Esses temas são a morte, o tempo, o infinito, o amor absoluto, o sofrimento, o divino e o absurdo; todos

frequentemente difíceis de expressar por meio de discursos simples e convencionais. Por esse motivo, a linguagem poética é crucial, ela tem a capacidade de traduzir o indizível através de metáforas, símbolos e imagens que ampliam a percepção do leitor. E quando lidamos com temas como a finitude humana ou a transcendência, a linguagem poética permite uma aproximação mais íntima, crua e emocional a esses textos.

“[...] poderíamos dizer que a poesia, enquanto linguagem é uma forma eminente da experiência e da expressão da própria realidade, já que é na linguagem que se dá a abertura do mundo, que se dá o “ser” das coisas, ou seja, seria então a linguagem poética, o modo verdadeiro e diferente de dizer o significado das coisas, das palavras, dos seres” (Santos e Sá, p.208).

Nunes (2000) apresenta o conceito de *die Rede* – a fala, e diz que interpretar é desenvolver, a partir de um pressuposto e de acordo com uma perspectiva já dada, as possibilidades de compreensão do ser - especificado como *isso* ou como *aquilo* - antes que o conhecimento teórico, concretizando apenas uma das possibilidades de compreensão, venha traduzir-se em proposições determinadas. Mas essa prévia e preliminar interpretação do mundo, que aflora no intercurso da fala (*die Rede*), e que não escapa ao risco de estabilizar-se num estado exterior e público, é, como melhor compreenderemos depois, anterior à predicação.

Para Nunes, a tradução do termo *die Rede* por “fala” tem o objetivo de mostrar o caráter limítrofe dessa noção entre linguagem e não-linguagem, e seus mais diversos atos, tais como enunciar, rezar, prometer, louvar, etc. Para o autor,

Está claro que significações pedem palavras e que a conversação, em suas múltiplas espécies, compõe-se de distintos modos de discurso. Discurso é também uma das traduções correntes de *die Rede*, que não rejeitamos. Mas preferimos traduzir *die Rede* por fala, para insistir no núcleo comunicacional dessa noção, que Heidegger terá visado para introduzir, como que pondo uma cunha existencial nas concepções de linguagem, o fundamento desse fenômeno nas estruturas mais primitivas já nossas conhecidas, a disposição e o projeto, assim colocando-o no âmbito das possibilidades do *Dasein*, ou seja, de sua abertura enquanto ser-no-mundo e ser-com-os-outros. **A fala é o intercurso dos homens entre si e, como intercurso, um verbo: o falar informando uns aos outros algo a respeito das coisas** (Nunes, 2000, p. 107, grifo meu).

Em conjunto a isso, temos a estrutura poética que aceita e valoriza paradoxos, algo essencial quando tratamos de temas limítrofes que não possuem respostas definitivas. Questões como a dualidade entre vida e morte, razão e loucura ou liberdade e destino encontram na poesia um espaço para serem exploradas sem necessidade de conclusão.

Para Ramos (2016), a poesia é o movimento de significações por meio das imagens, capaz de imortalizar tudo o que há de belo e de superior no mundo, assim como há de horrendo e pérfido; ela é portadora de alegrias e tristezas, produtora do universo que é constituído pelos homens, ela é capaz de compelir os seres humanos a sentirem aquilo que percebem e a imaginarem o que sabem, sendo ela a experiência do ser, do poeta que se dedica a essa árdua tarefa de dar voz à incerteza, de inventar-se por meio de palavras. E o leitor é o responsável por atribuir significado à incerteza do poeta, às imagens poéticas idealizadas por ele.

A poesia não é simplesmente um arranjo de palavras durante uma atividade técnica; ela vai muito além, é uma convenção que tudo cria e oferece uma variedade de interpretações que contemplam todos os assuntos da vida social, entre eles, a morte. Assim, busca-se traçar uma relação entre poesia, linguagem, imagem e morte, para que seja depreendido dos poemas analisados o mistério das imagens reveladoras.

Diversos ensaios, artigos e livros que tratam sobre a vida e a obra de Emily Dickinson buscam fazer as interpretações de seus poemas com base no poeta empírico¹⁰. Entretanto, segundo Hegel (1980, p. 242),

[...] o poeta que tem o poder de cantar e de criar, tem para isso a vocação e o dever. Não deixa, contudo, de ser verdade que as circunstâncias, incitações e solicitamentos exteriores podem também servir de impulso à criação lírica.

Em outras palavras, o estudo de poemas, a partir dessa perspectiva – poeta lírico, sugere que o eu-lírico coloque máscaras ou *personae* para fingir uma verdade que está constantemente mudando (Ramos, 2016).

Emily Dickinson foi uma poeta que abordou o tema da morte em grande parte de sua obra. Para alguns, ela é considerada uma poeta confessional. Martin (2002), entretanto, observa que Dickinson apresenta uma poeticidade que faz uso da língua

¹⁰ Poeta empírico é aquele que se apoia na experiência de vida.

de modo a demonstrar todas as faces das temáticas exploradas por ela e não apenas o relato de experiências pessoais

Os versos da própria Emily Dickinson é um exemplo frequente que desafia a lógica tradicional e nos faz sentir a complexidade da passagem do tempo e da existência. Ela descobriu formas de usar a linguagem poética e inovar ao discorrer dos assuntos mais diversos e abstratos mostrando como a língua pode ser mutável.

Para Ramos (2016), a poesia desafia constantemente os limites da própria linguagem, buscando formas de expressão que vão além do que o discurso racional consegue comunicar. O poema, permite múltiplas interpretações e pode funcionar como um meio de extrair aquilo que está além da experiência cotidiana. Em momentos de crise, luto ou reflexão espiritual, a poesia se torna um espaço de expressão única para transmitir a intensidade desses momentos. A linguagem poética não apenas torna possível a abordagem de temas limítrofes, como também os enriquece ao permitir que sejam vividos de maneira sensorial e subjetiva.

Segundo Martin (2002), Emily Dickinson rompe a vivência pessoal para buscar a compreensão do fenômeno da morte na esfera do homem, na esfera universal. Nesse sentido, nota-se que a linguagem é uma ferramenta essencial para compreender as inquietações da vida; ao escrever, o poeta não está necessariamente exprimindo sua certeza, mas sim quebrando o elo entre o eu (poeta) e a palavra, emudecendo o escritor para que esse silêncio adquira forma, coerência e entendimento. Desse modo, o tom do texto literário exprime a solidão do escritor a partir da sua obra, pois ele sacrifica a sua fala para dar voz ao universal, isto é, uma poesia que se estende a todos, que é composta de elementos oriundos de várias fontes e não apenas da experiência do poeta, ao tratar de temas que exigem resolução, coragem e compreensão por parte de seus interlocutores, como a morte, por exemplo.

A experiência da morte é focalizada nos estudos literários a partir da neutralidade/do vazio, isto é, da falta da experiência da morte. Segundo Ramos (2016), isso não ocorre porque ela inexistente ou porque é uma mentira, mas porque os textos literários são marcados por falta de experiência vivencial do sujeito, uma vez que a temática em questão é impossível de ser experimentada pessoalmente, ela é apenas descrita a partir da morte do outro.

A partir daí, Ramos (2016) diz que há dois eixos a serem pontuados: a morte do outro como experiência de ausência e dor; a morte pessoal, como mera projeção,

expectativa, mistério, algo que vai contra um dos instintos mais primários dos seres humanos, que é o da sobrevivência, o que sempre resta em experiências limítrofes.

Com isso, a autora afirma que a linguagem é uma ferramenta que pode ser considerada como sinônimo de poder para os escritores, pois partir dela constrói-se o possível, busca-se um sentido para o real, reflete-se sobre a morte, como a ideia de finitude garante no ser humano a compreensão e o conhecimento.

3 METODOLOGIA

Para Gil (2002), o método científico é um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos utilizados para atingir o conhecimento. Para que seja considerado conhecimento científico, é necessária a identificação dos passos para a sua verificação, ou seja, determinar o método que possibilitou chegar ao conhecimento.

É na fase de metodologia que, segundo o autor citado acima, descrevem-se os procedimentos a serem seguidos na realização da pesquisa. Sua organização varia de acordo com as peculiaridades e requer-se a apresentação de informações sobre alguns aspectos.

Este trabalho é constituído a partir de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, a partir de um levantamento bibliográfico da vida e obra da autora Emily Dickinson.

De acordo com Rodrigues (2016), a pesquisa qualitativa tem por objetivo compreender a multiplicidade de significados e sentidos que marcam as subjetividades dos sujeitos na relação com o social. Considera que a dimensão ampla e o caráter complexo do objeto de estudo não podem ser compreendidos à luz da racionalidade tecnopositivista, que normalmente se detém friamente na realidade exterior dos fatos.

Quanto ao caráter da pesquisa, entende-se que essa é exploratória, pois, para Gil (2002), essa tem o propósito de proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Seu planejamento tende a ser bastante flexível, pois interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao fato ou fenômeno estudado. A coleta de dados pode ocorrer de diversas maneiras, mas geralmente envolve: 1. levantamento bibliográfico; 2. entrevistas com pessoas que tiveram experiência prática com o assunto; e 3. análise de exemplos que

estimulem a compreensão. Para este trabalho, será utilizado o método de levantamento bibliográfico sobre a vida e obra de Emily Dickinson.

Quanto à amostragem, foram selecionados três poemas da autora que trazem a temática da morte: *I felt a funeral in my brain*; *Because I Could Not Stop for Death*; e *Death is a dialogue between the spirit and the dust*.

Estes poemas foram escolhidos por mostrarem de forma mais explícita a ligação que Dickinson tinha com a morte, por conter questionamentos, admiração, indignação e efetivamente mostra a importância que ela dava a este assunto.

Quanto à análise dos poemas, serão observadas as relações existentes entre a temática funesta e o seu texto, bem como elementos de sua vida, a partir da análise do conteúdo e do discurso utilizado.

4 EMILY DICKINSON E A MORTE: ANÁLISE DOS POEMAS

Dickinson é famosa pela sua escrita inovadora e isso é, de fato, o que mais surpreende os amantes da poesia, estudiosos e até os curiosos. Ela inovou ao escrever versos curtos, junto a uma métrica incomum e uma das marcas mais reconhecíveis de sua poesia é o uso de travessões em vez de pontuação convencional, criando pausas inesperadas que aumentam a intensidade dos versos escritos. Segundo Weichmann (2014, p. 132),

A forma dos poemas de Emily Dickinson é caracterizada, sobretudo, pela métrica irregular e pela ausência ou incompletude de rimas, além do ritmo fragmentário ocasionado pelo uso excessivo do travessão como sinal gráfico principal de pontuação. Com essas características, sua poesia desprezou o esquema poético de cinco pés, isto é, o pentâmetro, que era a sistematização vigente nos poemas de língua inglesa do século XIX. Ao invés do pentâmetro, Emily Dickinson se apropriou do metro de balada em toda a sua obra, recusando-se, portanto, aos valores poéticos preestabelecidos e representativos da tradição literária dominante.

Além disso, sua sintaxe pode ser fragmentada ou abrupta, contribuindo para uma leitura enigmática e reflexiva, tornando seus textos cada vez mais abertos a inúmeras interpretações. Além disso, seus poemas são repletos de metáforas e imagens que dão profundidade a questões existenciais. Para isso, a autora tem como pano de fundo a natureza, que é frequentemente usada como símbolo, assim como elementos como a luz e a sombra para representar vida e morte. O conjunto de todos

esses elementos contribui para a riqueza de sua obra, tornando a leitura única e sujeita as mais diversas interpretações por aqueles que estudam e desfrutam dos seus poemas.

A morte era um tema recorrente, e vários motivos e símbolos foram usados para explorar e representar as complexidades da mortalidade. Esses motivos e símbolos foram empregados por poetas americanos do século XIX para abordar o tema profundo e universal da morte, oferecendo aos leitores uma rica tapeçaria de imagens e metáforas para contemplar os mistérios do fim da vida. Cemitérios e túmulos simbolizam o local de descanso final, enfatizando a inevitabilidade da morte.

Para Guollo e Cabral (2008, p. 5),

Ao se referir à morte, Emily assume uma postura crítica e sucinta. Por vezes interliga a presença da liberdade à intermediação da morte. Devido à experiência que herdou ao frequentar pelo período de um ano um seminário direcionado a mulheres, e por ter recebido uma educação voltada aos princípios puritanos, apegou-se à leitura bíblica. Então, ao confortar-se e ao mesmo tempo confrontar-se diante dessa passagem que é a morte, a escritora geralmente faz alusões a imagens e prescrições bíblicas e a trechos de hinos religiosos.

No início de sua juventude, Emily tinha esse apego bíblico, justamente devido à forte presença do protestantismo na sua família. Segundo Ferreira e Silva (2021, p.10) “[...] em seus poemas sobre a questão da fé interligada com a questão da morte que, para a autora, essa ligação era vista como algo eterno e sublime.”

Um ponto importante de sua vida que exerce influência em sua escrita é o fato de, logo após ela retornar para sua casa, visto que se recusou a declarar sua fé publicamente e a dar continuidade aos estudos na *South Hadley Female Seminary*, decidiu viver em total reclusão. Muitos de seus pensamentos e ideias mudaram nessa época: optou por dar preferências a usar apenas roupas brancas e a vida para ela começou, então, a ser vista como uma grande tortura; parou de receber visitas e mal saía de casa consequentemente até deixar de sair de vez de sua residência até o fim de sua existência, algo visto como libertador.

Suas visões acerca da vida mudaram drasticamente, para alguém tão jovem que deveria temer pela morte, e sim, ansiar para aproveitar os anos de juventude se tornou inexistente.

Essa influência da temática cristã da morte pode ser visto no poema XXXI:

DEATH is a dialogue between
 The spirit and the dust
 "Dissolve," says Death The Spirit, "Sir,
 I have another trust."

Death doubts it, argues from the ground.
 The Spirit turns away,
 Just laying off, for evidence,
 An overcoat of clay. (p. 192, no XXXI¹¹)

Neste poema, podemos analisar a presença de dois pontos: o pó e o espírito, no qual o pó se resume a decomposição de um corpo; quanto ao espírito, ele continua a vagar, já que a morte só ocorre com a matéria, e não com a alma. Com isso, o espírito vai embora, porém não se sabe pra onde.

“O caminho que o espírito segue ou não após a morte é um assunto que depende da religião, cultura e traços típicos de cada indivíduo, ou seja, é uma questão de crença e de costumes inseridos em cada comunidade. Com isso, a autora deixa transparecer a ligação entre morte e fé.” (Ferreira e Silva, 2021, p.10)

O eu-lírico acredita que o espírito é eterno, mas não nos revela o seu paradeiro, com isso nos possibilita várias interpretações, desde a eternidade da alma no céu, a sua reencarnação, ou até mesmo, a sua existência em outro plano não especificado pelo eu-lírico. Para a poeta, a vida era vista como uma tortura e o fim da existência como uma libertação.

Essas visões que a autora possuía, ambas, eram (e até hoje são) opostas aos costumes ocidentais, pois, para os povos do ocidente, a vida é liberdade, principalmente na fase da juventude onde os jovens pensam que o limite (morte) é uma palavra inexistente para eles, já com relação à imagem que eles fazem da morte é como se fosse algo aterrorizador, o fim dos sonhos, da carreira, um medo da própria ausência, da não existência, tanto que a caracterizamos como um ser de aspecto esquelético, usando uma capa preta e uma foice na mão, imagem essa comum aos filmes, e a imaginação de alguns. Dickinson, ao contrário, achava que a morte era algo encantador.

¹¹ A morte é um diálogo entre/ O espírito e o pó. / “Desvanece” diz a morte. O espírito, “senhor, / Eu tenho outra verdade.” / A morte dúvida, argumenta desde o chão. / O espírito afasta-se, / Simplesmente deixa, sem evidencia, / Um sobretudo de argila.

Em *Because I Could Not Stop for Death*, publicado postumamente, Zahra e Raza (2024), afirmam que os temas do poema sobre mortalidade, a vida após a morte e a passagem do tempo foram assuntos de interesse e discussão e que o estilo único de Dickinson contribui para o significado do poema: Dickinson é conhecida por sua brevidade, usando uma linguagem concisa para transmitir ideias profundas.

Além disso, os autores afirmam que a concisão do poema força os leitores a se envolverem cuidadosamente com cada palavra, extraíndo camadas de significado de frases aparentemente simples. O uso frequente de travessões por Dickinson cria pausas e interrupções nas linhas, contribuindo para um ritmo único, os quais convidam os leitores a fazer uma pausa e refletir, enfatizando cada palavra e criando uma sensação de contemplação – o ritmo trazido pelo poema espelha o passeio de carruagem com a Morte, chamando a atenção para a progressão inexorável em direção à mortalidade.

Em resumo, as escolhas estilísticas distintas de Emily Dickinson em *Because I Could Not Stop for Death* contribuem significativamente para o significado do poema. O uso de travessões, pontuação não convencional e linguagem compacta aumenta a profundidade temática, a ressonância emocional e a ambiguidade da obra, convidando os leitores a se envolverem com as complexidades da mortalidade e a jornada em direção à vida após a morte.

Because I Could Not Stop for Death –
 He kindly stopped for me –
 The Carriage held but just Ourselves –
 And Immortality.

We slowly drove – He knew no haste
 And I had put away
 My labor and my leisure too,
 For His Civility –

We passed the School, where Children strove
 At Recess – in the Ring –
 We passed the Fields of Gazing Grain –
 We passed the Setting Sun –

Or rather – He passed Us –
 The Dews drew quivering and Chill –
 For only Gossamer, my Gown –
 My Tippet – only Tulle –

We paused before a House that seemed
 A Swelling of the Ground –
 The Roof was scarcely visible –
 The Cornice – in the Ground –

Since then – 'tis Centuries – and yet
 Feels shorter than the Day
 I first surmised the Horses' Heads
 Were toward Eternity – (p. 190, no, XXVII¹²)

No poema acima, a morte é revelada como um cavalheiro em sua carruagem excepcionalmente perfeita, descrevendo-a como um ser masculino, de bela aparência, e tão encantador que ela não conseguiu recusar o passeio com o mesmo. No começo da viagem, eles passam por uma escola, onde crianças brincam - as mesmas representam o ciclo da vida, o início de uma vida. A semente se faz parte desta reflexão também indicando as fases da vida: uma semente precisa ser plantada, para poder crescer, e tornar uma árvore. Daí nascem seus frutos, que são retirados e as semente coletadas, para, então, iniciar-se novamente uma nova árvore: uma nova vida que nascerá a partir disso, dando continuidade ao ciclo.

Porém ao chegar ao fim da viagem, eles se deparam com uma cornija rente ao chão e, ao prestar atenção, nota-se que não é uma simples casa e sim de um jazigo no qual era habitado por um corpo já decomposto. Finalizando a viagem, o fim do corpo, mas não a do espírito que segue viagem com os cavalos rumo a eternidade. Ferreira e Silva (2001, p. 13) ainda dizem que:

Ao lermos este poema observamos que nele há uma crença na eternidade e na sua caminhada até lá, desde que o eu-lírico rever todo a sua vida para chegar ao ponto crucial, que é quando a imortalidade sobressai à mortalidade na última estrofe, ou seja, o falecimento do corpo e a imortalidade da alma. Todavia, a concepção de morte neste poema, como também, para Emily Dickinson representa a fuga da angústia, do cotidiano, da mesmice e da esperança da imortalidade.

¹² Porque não pude parar para morte/ Ele gentilmente parou para mim/ Na carruagem só cabíamos nós/ E a imortalidade/ Nós dirigimos lentamente, Ele não tinha pressa/ E eu já pusera de lado/ O meu labor e o meu lazer/Para sua civilidade./ Passamos a escola, onde crianças brincavam/Luta no ringue / Passamos os campos de grão pasmado/ Passamos pelo pôr do sol./ Ou melhor, Ele passou por nós/ O sereno baixou gélido/ Era de gaze fina meu vestido/ Minha capa, somente tule / Nós pausamos antes em uma casa que parecia/ Um inchaço da terra/ O telhado era pouco visível/ A cornija, rente ao chão/ Desde então faz séculos, mas em verdade/ Parece menos que um dia/ A primeira vez que vi as frentes dos cavalos/ rumo a eternidade.

Analisando-se a estrutura do poema, no Quadro 01 abaixo, serão considerados alguns versos cruciais para a análise da morte no texto.

Quadro 01: Análise dos versos da primeira estrofe

Versos	
Because I could not stop (line 01)	For death (line 01)
For me (line 02)	He kindly stopped (line 02)
The Carriage held but just (line 04)	And Immortality (line 04)

Fonte: elaborado pela autora

Segundo Zahra e Raza (2024), a estrofe inicial do poema estabelece dois domínios referenciais distintos na poética antropológica: o “Anthropos” e o “Cosmos”. Embora uma leitura superficial possa não indicar essa tensão, estudiosos se surpreendem com a visão de Emily Dickinson sobre a morte. Alguns sugerem que a personificação da Morte como um "cavalheiro" ou "pretendente" implica que a morte é uma conclusão inevitável da ordem natural da existência.

Essa visão é reforçada pela ação da morte descrita como "gentilmente". A tensão real surge ao correlacionar a Morte como um pretendente "agradável" e "benevolente" com a imagem do eu lírico engajado na vida cotidiana. A escolha da palavra "não podia" (*couldn't*) em vez de "não queria" (*wouldn't*) para parar para a Morte destaca o aspecto dramático do falecimento, que é a cessação da vida.

Essa análise se intensifica com a presença de um terceiro elemento nessa jornada: a Imortalidade. Para Zahra e Raza (2024), a justaposição desses conceitos incompatíveis já indica um desvio das metáforas convencionais.

Embora Emily Dickinson utilize o esquema da jornada, sua metáfora se diferencia da linguagem comum, utilizando a morte como ponto de partida para sua visão poética única.

Segundo Zahra e Raza (2024, p. 155),

Diferente da poética cognitiva, Dickinson subverte os parâmetros genéricos para a Morte, utilizando-os para uma função poética específica. A poética cognitiva invoca tradições religiosas para explicar a metáfora de Dickinson, sugerindo uma "extensão" da morte-como-partida no contexto religioso. No entanto, essa explicação não se alinha com o poema de Dickinson, que, segundo Freeman, desafia o modelo teológico calvinista do século XIX, propondo um modelo

"científico" que questiona a progressão linear para destinos predeterminados, como o céu. A representação heterogênea da Morte por Dickinson apoia interpretações que rejeitam a visão convencional de vida como um caminho predeterminado. Em vez disso, a visão de Dickinson sugere que a Eternidade está inserida no tempo, desafiando as noções tradicionais sobre a morte e a vida após a morte.

A tensão entre os campos referenciais é amenizada nas estrofes seguintes. A jornada é descrita como agradável, e a Morte como uma existência perpétua, em contraste com a mortalidade humana. A partida não é dramática, mas uma breve interrupção das atividades diárias. A jornada progride lentamente, com a paisagem simbolizando as fases da vida humana: infância, idade adulta e velhice.

A terceira estrofe contribui para a estratégia da autora, mediando a tensão ao enquadrar a jornada no contexto da vida. A quarta estrofe inverte a perspectiva, sugerindo que o sol poente está passando pelos viajantes. Essa mudança de ponto de vista sinaliza uma transição da vida para um ponto temporal dentro da eternidade. A vida é retratada como um ponto momentâneo, desvinculado da temporalidade da eternidade. A jornada poética continua além da morte, desafiando a ideia de que a morte é o fim da existência.

O destino não é o túmulo, mas uma simples pausa, sugerindo continuidade e futuridade da jornada. As linhas subsequentes esclarecem que o frio e o orvalho, geralmente associados ao início da morte, simbolizam a roupa leve usada para um casamento, destacando a metáfora da morte-como-casamento. Isso contraria a visão da poética cognitiva de que a morte implica destruição, apresentando-a como um alegre recomeço que expande e preenche o ser (Zahra e Raza, 2024).

Sendo possível observar uma das ideias que Emily Dickinson tem a respeito da eternidade e morte, onde ambos andam interligados por questões de crença, visto que em seus poemas o fim da existência mantinha essa relação de libertação da alma, no qual só a morte é capaz de libertar a nós, meros mortais, das tormentas terrestres que rodeiam nossas mentes constantemente. Logo o melhor caminho para a eternidade é finalmente descansar para poder se libertar.

A linha tênue entre querer essa liberdade através da morte e a curiosidade, a agonia pela ausência de respostas sobre o caminho da alma era bem estreita. Emily Dickinson se mostrava intrigada por querer desvendar o mistério, de tentar entender o que acontece depois da morte, fazendo-a acreditar na imortalidade, mas, por vezes

sua frustração tomava conta por não saber qual fim leva uma alma, qual seria o seu paradeiro, como é possível observar no poema CXII:

I felt a Funeral, in my Brain,
And Mourners to and fro
Kept treading - treading - till it seemed
That Sense was breaking through -

And when they all were seated,
A Service, like a Drum -
Kept beating - beating - till I thought
My mind was going numb -

And then I heard them lift a Box
And creak across my Soul
With those same Boots of Lead, again,
Then Space - began to toll,

As all the Heavens were a Bell,
And Being, but an Ear,
And I, and Silence, some strange Race,
Wrecked, solitary, here -

And then a Plank in Reason, broke,
And I dropped down, and down -
And hit a World, at every plunge,
And Finished knowing - then - (p.239, no, CXII¹³)

Este poema apresenta uma maior complexidade, visto que o eu lírico é um cadáver e tem a visão de como é seu funeral. De acordo com Monteiro (1960), a parte superficial do poema trata de um funeral e, como o "Funeral" funciona como uma metáfora sustentada, a compreensão do poema não depende da identificação do evento que o originou e ao qual o poema, em um sentido limitado, parece se referir. Também não depende da suposição de que o eu lírico está imaginando o próprio funeral. Na verdade, o funeral metafórico serve para libertar a alma ou o ser individual dentro do poema. O fato de que a morte e os funerais, entre suas principais

¹³ Eu senti um funeral em meu cérebro,/ E rezadeiras para lá e para cá/ Permaneceu pisando, pisando – até que parecia / Essa sensação foi rompendo/ E quando todos estavam sentados,/ Um culto, como um tambor/Permaneceu batendo – batendo – até que Eu pensei/ Minha mente está ficando dormente/E então Eu os ouvi levantar uma caixa / E a minha alma ranger de um lado a outro/ Com aquelas mesmas botas de chumbo, outra vez / depois o espaço – começou a badalar,/ Como se os céus fossem um sino,/ E o Ser só um ouvido,/ E eu e Silêncio, alguma estranha raça / Destruídos, solitários, aqui – / E depois um ponto da Razão, quebrou,/E Eu caí, e caí –/ E bati num mundo, a cada dimensão,/E terminou a cumplicidade – então.

experiências sacramentais, identificam e evocam esse tipo de experiência altamente destilada é evidente em sua poesia como um todo.

Segundo Monteiro (1960, p. 658)

A preocupação central do poema, a verdadeira experiência, desencadeada pela contemplação do incidente formal de um enterro cerimonial, é artística, estética e intelectual. A experiência crucial do poema não é a morte em si, é claro; em vez disso, o poema é baseado na experiência de intuir, emocional e espiritualmente, um significado além do fato da morte.

É uma poderosa exploração da angústia psicológica e da perda da sanidade. Com imagens vívidas e um ritmo quase hipnótico, Dickinson descreve uma experiência interna poderosa como se fosse um funeral acontecendo dentro da mente do eu lírico. Ferreira e Silva (2001, p.16) ainda explica que

“[...] o sentimento que prevalece no poema é de que na verdade a morte é incomunicável, [...] a morte só é conhecida por ela mesma, com isso a autora nos revela a sua visão sobre o enigma da morte, por isso que a questão do silêncio (morte) para autora representa o verdadeiro silêncio, por não conseguir ouvi-la.”

Os elementos do ritual fúnebre - pessoas caminhando pesadamente, tambores soando, sinos tocando - parecem simbolizar o peso esmagador do sofrimento mental. A repetição e a progressão do poema sugerem um lento processo de desintegração, até que, no final, a consciência do eu-lírico desaparece completamente. O último verso evoca uma sensação de queda infinita, como se a mente tivesse se despedaçado, mergulhando na escuridão.

Esse poema pode ser interpretado como uma alegoria da morte da razão, uma representação de um colapso psicológico¹⁴ ou até uma reflexão sobre a fragilidade da própria existência, o que causava a Emily Dickinson uma constante angústia por não ter respostas para o depois, que fim leva nossas almas e se realmente existe uma imortalidade para quem a almeja.

Para ela, a morte já era inerente a si mesma. As várias interpretações feitas em seus poemas é uma amostra da grandiosidade e complexidade que era o tema para

¹⁴ É uma expressão usada para descrever um período de estresse e ansiedade intensos, onde a pessoa se sente incapaz de lidar com as demandas da vida cotidiana e de sentimentos internos.

a mesma. A morte como matéria (decomposição) e o espírito que é revelado como aquele que busca pela imortalidade, o único capaz de tê-la. Ela a tratava não apenas como um fim, mas como uma transição misteriosa, muitas vezes envolta em calma, inevitabilidade e até uma certa beleza.

Suas analogias, metáforas e a sua singela figura da morte como um cavaleiro-este sendo um dos poemas mais belos já feito- seu isolamento e sensibilidade para a mortalidade transparecem em seus versos que capturam a fragilidade da vida e a transcendência do espírito.

Em sua poesia, a morte não era sempre trágica, mas sim um fenômeno natural que se desenrolava com uma certa ordem e serenidade. E isso é o que torna seus poemas belos e intrigantes, a forma como consegue tratar, relacionar, observar, sentir, pensar e lidar de múltiplas formas com a morte é enriquecedor, extasiante. Sua visão era única e carregada de simbolismo, o que a torna uma das poetisas mais fascinantes de se explorar o tema.

Este trabalho teve como objetivo principal explorar as múltiplas interpretações que o tema da morte pode proporcionar na poesia de Emily Dickinson, a qual foi uma autora a frente do seu tempo, trazendo, em seus textos uma dedicação total à sua escrita, fruto de seu fascínio pela morte e de sua convivência constante com ela.

Para isso, analisou-se o século XIX, período em que Dickinson viveu, que foi marcado por eventos significativos nos Estados Unidos, como a escravidão e a Guerra Civil, que resultaram em inúmeras perdas de vidas, servindo de cenário fúnebre e influência profunda à produção literária da época, levando autores renomados como Walt Whitman e Edgar Allan Poe a se debruçarem sobre a temática da morte. A forma singular com que cada um desses escritores se relacionou com a morte é diferenciada, e suas obras se tornam um rico material de estudo, oferecendo inúmeras interpretações, simbolismos e questionamentos excepcionais sobre o tema.

Emily Dickinson se utilizou da temática a partir do ponto de vista da metafísica e, para isso, a filosofia de Martin Heidegger, com sua abordagem do "Ser-para-a-morte", forneceu uma base teórica fundamental para este estudo. O filósofo alemão argumenta que a morte é o momento final e constitutivo da existência humana. A consciência da finitude nos impulsiona a viver de forma mais autêntica e a projetar um

futuro promissor, antes que a morte nos alcance. Essa perspectiva corrobora com a obra de Emily Dickinson, que, apesar de viver em uma época de grandes restrições para as mulheres, questionou a vida, o amor, a natureza e, principalmente, a morte. Longe de temê-la como um tabu, Dickinson encontrou beleza nesse fenômeno, buscando desvendar seus mistérios e compreender sua complexidade.

A reclusão escolhida por Emily Dickinson, em um século onde a liberdade feminina era limitada, foi uma decisão crucial que a levou a uma profunda introspecção. Essa jornada interna a fez questionar as convenções sociais e religiosas, e a morte se tornou um ponto central de sua reflexão. Em seus poemas, como *Because I Could Not Stop for Death, Death is a dialogue between / The spirit and the dust* e *I felt a Funeral, in my Brain*, ela expressa suas indagações, angústias e, surpreendentemente, um carinho e admiração pela morte, a qual enxergava não apenas como um fim, mas como uma transição misteriosa, muitas vezes envolta em calma, inevitabilidade e até uma certa beleza.

Em *I felt a Funeral, in my Brain*, a poeta mergulha em uma experiência interna de desintegração psicológica, onde o funeral se torna uma metáfora para o colapso da razão. Os elementos do ritual fúnebre, como o pisar pesado e os tambores, representam o peso do sofrimento mental. A queda infinita no final do poema evoca a fragilidade da existência e a angústia diante do desconhecido. No entanto, mesmo nessa exploração da loucura e da perda, Dickinson mantém sua habilidade de transcender a experiência pessoal e dar voz ao universal.

Deste modo, as escolhas estilísticas de Emily Dickinson, como a brevidade, o uso de travessões e a linguagem compacta, contribuíram (e ainda hoje contribuem) significativamente para a profundidade temática, a ressonância emocional e a ambiguidade de sua obra e, até os dias de hoje, fazem-na desafiar as convenções, permitindo múltiplas interpretações e convidando os leitores a se engajarem com as complexidades da mortalidade e a jornada em direção ao pós-vida.

Sua poesia não apenas aborda a morte, mas a enriquece. A visão única de Emily Dickinson, carregada de simbolismo, consagra-a como uma das poetisas mais fascinantes para se explorar o tema da morte na literatura.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mariany Lopes. **Literatura de terror e horror: a composição da personagem e a figuração do medo em a metade sombria, de Stephen King**. 2023. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras - Português) - Pontifícia Universidade Católica De Goiás, Goiânia, 2023. Disponível Em: <https://Repositorio.Pucgoias.Edu.Br/Jspui/Bitstream/123456789/6307/1/Mariany%20Iopes%20almeida%20-%20tcc%20ii%20-%20final%20rag.Pdf>. Acesso em: 4 Ago. 2025.

CORDEIRO, ROBSON COSTA. **LINGUAGEM E POESIA COMO ESCUTA NO PENSAMENTO DE HEIDEGGER**. AUFKLÄRUNG: REVISTA DE FILOSOFIA, V. 2, N. 2, P. 163-184, 2015.

DICKINSON, Emily. **Cinquenta poemas**. Tradução de Isa Mara Lando. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

DICKINSON, Emily. **Poemas escolhidos**. Tradução de Ivo Bender. – Porto Alegre: LP&M, 2008.

DICKINSON, Emily. **Alguns poemas**. – Tradução de José Lira. São Paulo: Iluminuras, 2009.

EMILY DICKINSON MUSEUM. **Emily Dickinson: Her Childhood and Youth (1830-1855)**. Disponível em: <https://www.emilydickinsonmuseum.org/emily-dickinson/biography/emily-dickinson-her-childhood-and-youth-1830-1855/>. Acesso em: 04 ago. 2025

EMILY DICKINSON MUSEUM. **Emily Dickinson: The Writing Years (1855-1865)**. Disponível em: <https://www.emilydickinsonmuseum.org/emily-dickinson/biography/emily-dickinson-the-writing-years-1855-1865/>. Acesso em: 4 ago. 2025.

EMILY DICKINSON MUSEUM. **Emily Dickinson: The Later Years (1865-1886)**. Disponível em: <https://www.emilydickinsonmuseum.org/emily-dickinson/biography/emily-dickinson-the-later-years-1865-1886/>. Acesso em: 4 ago. 2025.

FERREIRA, Brena Kézzia de Lima; DA SILVA, Francisco Carlos Carvalho. **A MORTE COM VÉU BRANCO: UMA ANÁLISE DA POESIA DE EMILY DICKINSON**. **Conexões: linguagens e educação em cena**, 2001.

FROTA, Adolfo. Morte para ser lembrada. Topografias melancólicas e imagens de esquecimento em poemas de Edgar Allan Poe. **ArReDia**, v. 3, n. 5, p. 14-34, 2014.

GAMBARROTO, Bruno. **Walt Whitman e a formação da Poesia Norte-americana (1855-1867)**. 2006. Dissertação (Pós-graduação em Teoria Literária e Literatura comparada da Faculdade de Filosofia) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HEGEL, "A poesia" In **Estética**. Lisboa: Guimarães editores, 1980.

HEIDEGGER. **Assim falou Zaratustra**. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo – Parte II**. 13. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005.

GUOLLO, Fernanda Maccari. A VISÃO DE EMILY DICKINSON SOBRE A MORTE: MUITO ALÉM DO SENTIMENTALISMO. **Revista de Iniciação Científica**, v. 6, n. 1, 2008.

KIRKBY, Joan. 'We Grow Accustomed to the Dark': Emily Dickinson, Religion and Nineteenth Century Science. **The Dark Side**, p. 54-67, 2008.

MARTIN, Wendy. *The Cambridge Companion to Emily Dickinson*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2002.

MONTEIRO, George. Traditional Ideas in Dickinson's "I Felt a Funeral in My Brain". **Modern Language Notes**, [S. l.], v. 75, n. 8, p. 656-663, 1960.

NUNES, Benedito. Heidegger e a poesia. **Natureza Humana**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 103-127, 2000.

RAMOS, Patrícia de Lara. A poesia como movimento de significações: a morte e a eternidade. **ID-Sophia: Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica**, [S. l.], ano 2, v. 2, n. 7, p. 126-147, 2016.

RASHED, Peshraw Jawad. **Features of Metaphysical Poetry**. Koya University. 2021-2022

RODRIGUES, Cicera Sineide Dantas. **Tessituras da racionalidade pedagógica na docência universitária: narrativas de professores formadores**. Tese (Doutorado em Educação). 259f. Universidade Estadual do Ceará, 2016. Fortaleza, 2016

ROY, Amitabh. The Theme of Death and Time in Emily Dickinson's Poetry. **International Journal of English Language, Literature and Humanities**, v. 3, n. 2, p. 166-174, 2015. Disponível em: <http://www.ijellh.com>. Acesso em: 4 ago. 2025

SANTOS, Fernanda Rafaela Fernandes dos; SÁ, Maria Analiete Bezerra de. LINGUAGEM POÉTICA: A ARTE QUE ENCANTA COM "ESTRANHAMENTO". **Rios Eletrônica - Revista Científica da FASETE**, v. 1, n. 1, p. 208-211, ago. 2007

SOUZA, Livia. Emily Dickinson: Como sua vida moldou sua poesia. **Literatura Inglesa Brasil**, 3 jun. 2024. Disponível em: <https://literaturainglesa.com.br/emily-dickinson-como-sua-vida-moldou-sua-poesia/>. Acesso em: 23 mai. 2025.

VATTIMO, G. Introdução a Heidegger. Lisboa: Edições 70, 1989.

WEICHMANN, Natalia Helena. A poesia de Emily Dickinson e William Carlos Williams: alguns pontos de comparação. **Revista Hispeci & Lema On-Line**, Bebedouro, v. 5, n. 1, p. 128-142, 2014.

ZAHRA, Nurjis; RAZA, Aqeel. Exploring the Metaphorical Significance of Death in Emily Dickinson's poem 'Because I Could Not Stop for Death' and its Influence on 19th-Century American Poetry. **Indonesian Journal of Interdisciplinary Research in Science and Technology (MARCOPOLLO)**, v. 2, n. 2, p. 147-158, 2024.

ZANELLE, Valeska. **A linguagem poética em Heidegger**. Educação e Filosofia, v.18, n. 35/36, p. 279-310, jan/dez. 2004.